

PARA UMA AGENDA DE LETTURA: LITERATURA, HISTÓRIA E HOMOEROTISMO

José Luiz Foureaux de Souza Júnior*

RESUMO: *O presente artigo apresenta algumas linhas básicas para a realização de uma análise da interlocução entre Literatura, História e Homoerotismo. Não se detendo em meneios teóricos acerca dos conceitos, a idéia aqui é apresentar uma sumaríssima seleta de textos a partir dos quais se pode vislumbrar o esboço da referida análise. A Literatura Comparada como campo de interlocução e a Estética da recepção como instrumental metodológico compõem como aparato para a sustentação de uma proposta renovada de historiografia literária que acaba por tocar numa questão importante: a constituição de um cânone literário.*

PALAVRAS-CHAVE: *leitura; historiografia; homoerotismo; política; identidade.*

Tanto mais habitual e familiar é um termo quanto mais difícil é saber o que significa. Como se feitas para o uso, as palavras reagissem à indiscreta curiosidade.

(Luiz Costa Lima, *Pensando nos trópicos*)

Em pensamento, imagino saber o que seja coragem; mas não posso compreender como

ela me escapa, de forma que não consigo apanhá-la no discurso e dizer o que ela seja.

(Platão, *Laquete*)

A necessidade de uma “agenda” se justifica, uma vez que o trabalho de investigação que se constitui a partir da interlocução anunciada no título desse artigo leva a pensar no trabalho de pesquisa como um “projeto”, no sentido etimológico do termo, uma vez que a leitura, assim considerada, atinge espectros amplos de abordagem do fenômeno cultural chamado literatura, principalmente se se procede à colocação e à articulação de seus discursos frente a frente com o homoerotismo. Essa perspectiva, então, está, de certa forma, circunscrita, ainda que se deseje negá-lo, a uma operacionalização dos possíveis sentidos de “identidade”. Digo isso porque a abertura político-ideológica dos estudos literários, louvada e historicamente defendida por uma parcela dos que acreditam estar desenvolvendo atividades restritas ao campo dos “estudos culturais”, não permite (ainda) dizer que a homofobia não é um de seus sustentáculos ético-morais. Em outras palavras, o que estou considerando aqui é a absoluta falta de teorização e de procedimentos metodológicos fundamentados, para a interlocução entre Literatura e Homoerotismo. É claro que há esforços individuais, e, mais recentemente, um grupo de pesquisadores que têm se reunido sob a égide da interlocução proposta, desenvolvendo esforços mais que louváveis nessa direção. No entanto, esse trabalho ainda carece de uma certa “visibilidade institucional” que, a meu ver, virá a seu tempo, da forma mais consistente possível.

As discussões acerca desses conceitos podem ser consideradas um problema, uma vez que os parâmetros nem sempre apontam para constantes que possam ser consideradas como vetores de uma totalidade, mas fazem ressaltar as diferenças, as variações. Na verdade, não acredito que seja possível falar numa “identidade” gay no Brasil, o

que representaria o reconhecimento de uma literatura “particular” que pudesse ser identificada sob essa denominação. Não se trata disso, aqui, como vai ser visto. Ademais, haveria um longo caminho de discussão a ser perseguido. No entanto, dois conceitos operacionais essenciais, já foram trabalhados e terão, a meu ver, que continuar sendo, para que essa agenda não se perca em “futilidades” ou devaneios em nada consistentes: homoerotismo e de homosociabilidade. Trata-se de dois conceitos que, para além das fronteiras do nacional ou do limítrofe, apresentam uma dinâmica do pensamento dos textos culturais que se produzem, apontando as principais constantes na construção desses mesmos textos, enquanto espaços de representação de uma diferença a ser considerada em sua autonomia estética, social e ideológica. Esses dois conceitos parecem corroborar a minha convicção de que, qualquer que seja a direção adotada para o desenvolvimento desse nível de trabalho, não se pode perdê-los de vista na orientação dos discursos que a partir daí se constituírem. É claro que a autonomia não vai ser posta de lado, mas em termos de uma agenda estou pensando numa direção comum, como um caminho a ser trilhado respeitando as subjetividades envolvidas.

Concebido originalmente como uma conferência, parte da mesa de abertura do II Encontro de Pesquisadores Universitários: Literatura e Homoerotismo, realizado na Universidade Federal Fluminense, em maio do corrente ano, esse artigo procura delinear as linhas mestras de uma orientação metodológica no que diz respeito, principalmente aos cuidados relativos a um possível *corpus* de pesquisa. O desdobramento de idéias, implícitas quando da apresentação da conferência, é suficiente, aqui, para a apresentação dessas mesmas idéias. Nesse sentido, sinto a necessidade de um olhar retrospectivo sobre os acontecimentos do primeiro encontro, no ano de 1999. Não consigo entender uma proposta de agenda de trabalho sem esse olhar, para que a prospecção ganhe em consistência e coerência. Assim, alguns pontos que podem ser destacados são os seguintes: a iniciativa pioneira que congregou um grupo de estudiosos, ainda que sem

muita consciência de grupo, apresentando trabalhos de orientação pessoal, na busca de definição de um rumo comum a ser adotado; a diversidade de abordagens tentando dar conta de uma pluralidade de leituras e de perspectivas do “texto cultural” que a Modernidade legou em todos os campos do conhecimento, a partir da leitura de textos literários (e essa observação não é gratuita, nem superficial!); a variedade de manifestações artísticas e de *backgrounds* teóricos e metodológicos, constituindo uma louvável multiplicidade de componentes de um possível *corpus* de pesquisa; o início de uma linha de pesquisa institucionalmente implantada, necessitando de implementação e conseqüente consolidação, principalmente junto às agências de fomento e o levantamento interessantíssimo de um possível *corpus*, na/da Literatura Brasileira, feito pelo professor Denílson Lopes, da Universidade de Brasília, brilhantemente enriquecido por outro, especificamente voltado para a Literatura Portuguesa, feito pelo professor José Carlos Barcellos, da Universidade Federal Fluminense. É claro que não vou desenvolver um raciocínio acerca de todos esses tópicos. Precisamente nesse artigo, vou me ater ao *corpus* de pesquisa que, por si só, já levanta questões que, além de pertinentes à proposta inicial do grupo, explicita dúvidas e probabilidades que devem ser examinadas com todo o cuidado.

No que diz respeito ao *corpus*, sinto falta aqui de dois nomes importantes, e talvez nessa indicação eu esteja já apontando para os rumos que pretendo estabelecer para o meu trabalho em particular: Herbert Daniel e João Silvério Trevisan. Com isso, não quero dizer que Caio Fernando Abreu deve ser abandonado ou que outros autores não tenham importância para essa agenda. No entanto, na perspectiva de um conhecimento extensivo da Literatura Brasileira, não vejo problema em fazer essa observação. É claro que há uma quantidade infindável de textos que poderiam ser arrolados nesse *corpus* de pesquisa. Como disse no início, Denílson Lopes apresentou um quadro bastante variado desse mesmo *corpus*. As duas ausências que faço notar apontam para a necessidade de não deixar que se perca a oportunidade de

estar sempre atento para o que vai sendo produzido em termos de uma literatura homoerótica. Retornarei mais tarde a esse aspecto, mas não resisto à tentação de dizer alguma coisa de antemão. Na verdade, a questão do *corpus* coloca, de imediato, um problema de circunscrição e eleição. É estritamente necessário trabalhar com o que quer que seja uma “literatura gay”? Será que não se pode optar por leitura de obras que não “sejam” especificamente assim identificadas, encontrando nelas as estratégias discursivo-narrativas que as abone como parte constitutiva desse *corpus*? O meu posicionamento aponta para a segunda opção, uma vez que acredito que uma literatura não pode ser lida apenas a partir do que se convencionou chamar de seu “cânone”; pelo simples fato de que esse conceito encerra nuances e variações que comprometem a constituição de um conjunto cristalizado de obras que o componham. É nessa direção que aponto as minhas observações.

O caso de João Silvério Trevisan parece-me mais instigante, uma vez que ele preocupa-se, enquanto escritor, não apenas em tematizar o homoerotismo, mas em fazer uma ficção que problematize o próprio ato de narrar, de escrever, como exercício identitário que, necessariamente, não se circunscreve ao meramente homoerótico, mas, transcendendo a possibilidade de limitação desse tópico, apresenta em sua obra uma teorização peculiar da literatura. É o caso, por exemplo, da primeira página de *O livro do avesso*, identificada pelo título “Diante do espelho”:

espelho: porque escrever é estar necessariamente diante do espelho.

O Autor se reflete à procura de algo parecido com verdade.

Mas, ao realizar esse mergulho, o Autor se assusta.

No fundo de si mesmo, no seu Santo dos Santos, está instalado um desconhecido. O Outro.

O Autor não sabe que do mundo só vemos as costas: o Outro é a parte detrás de si mesmo.

Quando, então, o Autor poderá se ver frente a frente e desvelar seu próprio rosto? Talvez nunca. Talvez não convenha.

O Autor precisa aprender a se olhar ao espelho e ver refletido o Outro. Aprendizado indispensável.

Contemplar a si mesmo seria, afinal, tão insuportável quanto descobrir a face de Deus.

Ao Autor, só resta perder-se. (Trevisan, 1992, p. 9)

O autor, num texto com sabor psicanalítico, coloca questões mais que pertinentes com uma visada teórica de sua obra, enquanto consideração sobre o ato de criar, como uma forma de subjetivação de si mesmo, um ato de identificação. Na verdade, esse é um exercício que vai ser repetido em toda a sua obra. Ao tematizar o homoerotismo, na novela *Em nome do desejo*, publicada em 1983, o faz tentando experimentar o diário, a memória e a imaginação filmica, para narrar as aventuras e desventuras de um seminarista que se apaixona por outro e, depois de adulto, retorna (imaginária e concretamente). Os dois planos narrativos se cruzam) para tentar resgatar os fragmentos que o constituem sujeito de uma história conhecida de nós todos. O narrador faz o caminho entre o passado e o presente, entre a imaginação e o desejo, entre a memória e a fantasia, recuperando imagens do cinema dos anos 40 e 50, construindo um hino ao inefável sentimento, ao amor que não ousa dizer o seu nome – uma espécie de relato do “perder-se”, como anunciado em *O livro do avesso*.

Nessas obras mais contundentes, João Silvério Trevisan privilegia estatutos diferenciados da criação literária como critério para a sua ficção. Em *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*, publicado em 1984, a transfiguração do narrador numa personagem que oscila entre simples prostituta ou fascinante atriz funciona como constituição de uma espécie de *alter ego* do autor, aponta, mais uma vez, para as questões-chave de *O livro do avesso*: a criação e a subjetividade que se constitui narrativamente, como aparece na primeira página do romance, quando o narrador simula a recriação do mundo sob a ótica da ficção literária, quando, então, é possível “enxergar” Melinha como

a projeção de todas as projeções que um texto literário é capaz de engendrar:

Pois bem, é tão marcante o gosto de Melinha Marchiotti pelo hedonismo que ela transmite a impressão de já ter nascido assim: uma diva amante das virtudes da decadência. Surpreendentemente, foi também uma atriz medíocre e até mesmo dona de uma beleza pouco acima da média. Mas que mulher sagaz, que aluvião de charme! Como perfeita decadista que era, Melinha conhecia os mais requintados segredos da elegância. Atrás deles, não apenas agradava: exercia fascínio. Quando subia ao palco, na pele de Margarida Gautier, por exemplo, com um único gesto de mão levava seu público ao delírio. Mesmo porque colocava tanta roupa em cima da prostituta tísica que mal se notava sua falta de talento. Após as estréias, a primeira página dos jornais impreterivelmente estampava em letras garrafais a glória da Divina Duse Brasileira. “A predestinada atriz atingiu o sublime”. “Presente a nata de nossa sociedade. Nem um só lugar vazio no teatro”. “Ganhando aplausos e ovações espontâneas, a senhorita Melinha foi chamada inúmeras vezes de volta à cena, onde recebeu muitas jóias, objetos de valor e corbeilles de flor.”

La Marchiotti, imperatriz: da Bela Época brasileira.

Ou meretriz? (Trevisan, 1984, p.13)

As afirmações do narrador, bem na abertura do romance, adiantam para o leitor o clima de modificação constante, quase de magia, que cerca a protagonista do romance. Misto de travesti, atriz e prostituta, Melinha Marchiotti vai ser, mesmo, a prefiguração da constante metamorfose que sofre o narrador, da mesma maneira, que os “gêneros” que podem ser associados à construção da personagem. Em outras palavras, a ambigüidade da persona sexual da/do protagonista faz com que a narrativa de Trevisan realize uma *mise-en-abyme* perfeita, reduplicando no texto as situações concretas de um certo “transformismo”. A metáfora do narrador que vai se transformando, na medida em que o texto vai sendo narrado remete, obrigatoriamente, a

especulações não apenas das variações de gênero (social, antropológico e literário), mas também às variações de registro narrativo, o que abre a possibilidade de se ver ali representado um discurso crítico de uma certa faixa de nossa história cultural. Como está implícito na proposta desse artigo, o leitor é peça-chave nesse processo de construção de sentido(s).

Outro nome que pode ser citado é o de Herbert Daniel. Falecido entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90, ele escreveu dois romances que, acredito, podem oferecer material riquíssimo para o tipo de trabalho que desejamos desenvolver. Trata-se de *Meu corpo daria um romance* e *Passagem para o próximo sonho*. Neste, o autor se volta para a questão da guerrilha urbana e da militância política de esquerda, nos anos quentes da ditadura militar. Ultrapassando e muito as obras de Fernando Gabeira, Herbert Daniel tempera a “discussão” *dejá vu* da estética da sunga de crochê, introduzindo o tema do homoerotismo (ele, na verdade, utilizava o termo homossexualismo) nas relações entre os “companheiros” de guerrilha. Não se perdendo em lamentações e injúrias contra uma homofobia da esquerda ou de uma reação revolucionária das massas que não aceitam a diferença ou a opção sexual de cada um, o autor mergulha num universo conturbado em que as relações afetivas emergem em situações as mais inesperadas, fazendo com que a confusão, a dúvida e o preconceito sejam os ingredientes de uma leitura, no mínimo, sedutora das relações homoeróticas “camufladas” pela necessidade de um companheirismo guerrilheiro. A crítica, contemporânea ao lançamento da obra, entendeu o texto como mais um exemplo do que poder-se-ia chamar de “romance reportagem”. Perdeu a crítica e ganhamos nós;

Todas as vezes que antes me falaram em dinheiro tratava-se de um vago desespero de esquina, que eu não reconhecia como desejo, mas como ofensa, desaforo. Todas as vezes tinha sido um engano: como se o comprador quisesse comprar uma pretensa heterossexualidade que eu não tinha. Eu supunha, ingênuo: se oferecem é para comprar o que não tinha, que pen-

sam que não sou. Homossexual e triste e um tanto cego na minha feiúra me sentira sempre marginal no desejo dos outros. Fizera um enorme esforço para remodelar o corpo, os tradicionais métodos do culto no deus da época: emagrecimentos, esportes, roupas e decorações, poses e teatros. Dera certo. Agora eu era, N. valorizava, um tesão. Muito obrigado. N. com sua objetiva cotação do desejo me tornou desejável, concretamente, sem disfarce, sem remorso. Recusando a conversa que pedi, fez-me entrar no diálogo cru da sedução. Mercado. Cruamente a coisa eu, objeto do desejo, comprável. N. introduziu-me no mundo fascinante da venda e sua compra, apresentou-me uma certa iluminação a respeito do meu corpo e do meu desejo. Creio que foi a primeira vez que notei os horizontes da obscenidade fortificada da mecânica da sedução. (Daniel, 1982, p.161)

O clima de sedução e de “pecado” perpassa todo o texto do romance. De certa forma confuso, o protagonista vai desafiando suas impressões acerca da guerrilha, dos estereótipos “gays” e do “frutuoso” mercado do sexo. A *mélange* se faz “saborosa, uma vez que se trata de um retrato (praticamente) fiel de um período conturbado de nossa história. A extrema originalidade estrutural desse romance traz à baila a questão da censura, não apenas política, uma vez que faz seu protagonista encarnar todas as vicissitudes pelas quais era obrigado a passar o jovem envolvido com “a causa”. Ao mesmo tempo, a sinceridade dos depoimentos faz com que a narrativa possa ser enfocada com a lente de um memorialismo em nada saudosista, mas absolutamente crítico, quase ácido, o que performa um discurso interessante do ponto de vista da interlocução pretendida aqui.

Já em *Meu corpo daria um romance*, romance seguinte, a arte de narrar é posta outra vez a serviço de uma análise da relação homoerótica, ainda marcada pelas angústias do momento imediatamente posterior ao início da distensão política, retomando uma pista que viria a ser seguida por Trevisan, como mencionei acima. O segundo romance de Herbert Daniel reconta a mesma história, nove ou onze vezes, em cada uma privilegiando uma perspectiva diferente. Como num coro

polifônico, bem ao gosto da visada bakhtiniana, em que um casal de namorados se despede com um beijo na boca, num ponto de ônibus em Copacabana. Se não me engano, da linha Leblon-Usina (informação necessária para marcar a direção, semioticamente funcional, da chancela da “degradação” por causa do desvio sexual). As personagens que estão no ônibus são a metaforização narrativa das vozes (homofóbicas ou não!) que conduzem a narrativa. Tanto do ponto de vista da teorização acerca da narrativa, como do ponto de vista temático, essa obra merece a nossa atenção. Por isso, a sua inclusão nessa agenda. Ambos estariam sendo indicados como autores “assumidamente” gays que têm suas obras ainda “inéditas” em termos de uma crítica e de uma historiografia literária que se concentrem no que estou chamando de “novo cânone”. João Silvério Trevisan, por conta do jornal *Lampião* tem mais visibilidade. Herbert Daniel deveria ser resgatado com urgência:

CORPO A CORPO, esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso.

Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca, ainda como-vido e feliz.

Fora tão bonita aquela conversa toda de bar e noite e intimidades, entrei no ônibus. Ainda acenei sorrindo para meu namorado que cambaleava, pálido: as caipirinhas produziram um efeito mau e emocional – e ele gostava de se sentir zozzo e embebedado com o clima que nós criamos. De tudo resultou que nos despedíamos ali, na madrugada de Copacabana, com um beijo – furtivo – na boca.

Um beijo que aconteceu como a conversação: sem plano. Não nos bastaria então um aperto de mão, um tapinha nas costas, um gesto camuflado. Movimentos do amor namorado justificavam e exigiam um beijo. Simples, rápido, sensual. Sem audácia, sim, semiclandestino, sim; mas beijo e na boca.

Despedi-me, entrei no ônibus e noutra realidade, já não mais beijo, com olhos que me emparedaram numa observação: bicha! (Daniel, 1984, p.13)

A cena inicial se repete, como o próprio narrador diz, onze vezes. Em cada uma das repetições o foco é diferente, correspondendo, quase literalmente, a cada uma das personagens que estavam no ônibus, depois do beijo. A obsessividade da repetição pode auxiliar a entender a obsessividade discursiva de defesa da visibilidade. O encontro homoerótico ainda é objeto de pecha e de recriminação, o que fica explícito na última frase do trecho acima. Além disso, o cenário da passagem inicial traduz uma preocupação constante do autor: a defesa de um “direito” que não precisa passar por nenhum crivo de aceitação, que não seja a dos próprios sujeitos envolvidos. Não há comparação com um casal “careta”, como a justificar a opção do autor. A primeira pessoa narrativa trai um desejo ficcional de olhares, digamos, homofóbicos, quando dissolve a tênue linha que separa a ficção, *tout court*, de um relato memorialístico sem nenhuma preocupação estética. Trata-se de um exercício estilístico que formal e discursivamente pode render leituras muito instigantes, principalmente na perspectiva da interlocução anunciada.

A definição do que seja uma “literatura homoerótica” (para não abrir brechas com uma discussão sobre a definição de conceitos como “gay” e “lésbica”, o que desviaria a linha de raciocínio perseguida aqui) passa pela necessidade de se fixar uma certa fronteira, para que se possam arrolar os textos que fariam parte desse elenco de obras. Nesse sentido, vejo uma possibilidade interessantíssima de trabalho, que ultrapassa e muito a tarefa de enumerar o *corpus* e fazer dele uma leitura. Trata-se de um trabalho que eu chamaria de análise do discurso literário homoerótico. Adotados os dois componentes operacionais básicos – homoerotismo e homosociabilidade – o trabalho seria desenvolvido no sentido de, em lendo as obras canônicas e não canônicas (principalmente essas, por certo!), levantar nelas e analisar a partir delas o discurso homoerótico que nelas se explicita, tentando estabelecer interlocuções com os diversos matizes da crítica literária que insiste em colocar tais obras num conjunto especial de realizações literárias nacionais, quando o fazem.

Eu me explico. Vamos ao caso clássico de Caio Fernando Abreu. Sua entrada no cânone da Literatura Brasileira se deu, de uma certa forma, não por sua peculiaridade temática, o homoerotismo que exacerbava as relações humanas explicitadas em suas narrativas, mas por conta de operadores mais tradicionais (eu arriscaria a dizer que, na verdade, são operadores “homofóbicos”): a filosofia existencialista (solidão, amargura, relacionamentos confusos e atormentados; a psicanálise (latências afetivas, sonhos, imaginário, fantasias e devaneios; a ideologia (protesto, guerrilha, revolução sexual e cultural etc. O “tema” do homoerotismo só vai aparecer depois, talvez associado ao *coming out* do autor em seu retorno ao Brasil. Essas são apenas especulações para, de certa forma, estabelecer um parâmetro mínimo de orientação do que eu suponho seja um *corpus* interessante de pesquisa. Digo isso porque, numa outra perspectiva, há textos canônicos, no sentido mais restrito do termo, que suportam uma leitura do referido discurso homoerótico, como é o caso do conto “Pilades e Orestes”, de Machado de Assis, ou mesmo de Manuelzão e Miguilim, na obra de Guimarães Rosa ou, ainda, *O pardal é um pássaro azul*, de Heloneida Studart. Esses são exemplos, entre tantos, do que estou chamando de *corpus* de pesquisa: não apenas as obras de autores “assumidamente” gays, mas toda a literatura que não tem sido “chancelada” pelo cânone, nesse caso, constituído a partir dos dois já referidos conceitos operacionais básicos. Recorro aqui a uma argumentação muito instigante de Eve Kosofski Segdwick, num artigo publicado no livro *Tendências*, por ela editado. Nesse artigo, a autora argumenta que quando falamos de nacionalidade, falamos de nós mesmos e vice-versa, nos parâmetros que a História vai constituindo nessa direção. Não há como escapar disso. Aí estaria, a meu ver, uma ponte para o exercício da historiografia literária, a partir da operacionalização dos conceitos de homosociabilidade e homoerotismo, na constituição desse cânone outro de que falo.

Num breve intervalo de raciocínio, cabe citar mais alguns “casos” de escritores ainda não estudados de maneira mais exaustiva, no

campo de pesquisa que estamos institucionalizando: Bernardo Carvalho, José Carlos Honório e Cassiano Nunes. Começando pelo último, vale lembrar que, antes de qualquer coisa, Cassiano exerceu a profissão de professor de Literatura, na UnB, até 1989. Em Brasília era figura certa em reuniões sociais em diversos bares e casas da capital federal, sempre emitindo opiniões polêmicas, lendo poemas e ouvindo a conversa alheia, até que uma crise profunda de depressão o isolou do convívio social. Enquanto professor, sempre professou (desculpem o cacófato redundante ou a redundância cacofônica) sua profunda admiração por Monteiro Lobato, tendo escrito vários ensaios sobre sua obra, bem como acerca do Modernismo no Brasil. Para além disso, Cassiano, para surpresa de muitos, comparece em três antologias de literatura gay: *Now the volcano: an anthology of Latin american literature*; *Gay roots: twenty years of gay sunshine* (na anthology of gay History, sex, politics and culture e *The Penguin book of homosexual verse*. Sua poesia, até agora, se reúne nos títulos: *Prisioneiro do arco-íris*, *Madrugada*, *30 poemas*; e mais *Poesia I e II*, uma espécie de poesia reunida. É essa produção que me interessa. Três exemplos dessa poética urbana da noite e do lado escuro da vida podem ser vistos nos versos a seguir:

Esse velho cão
que me acompanha sempre,
contra a minha resistência.
Este velho cão
que se esconde
debaixo da minha pele.
Ele uiva até nas noites estreladas.

O luar o alucina.
Pergunto-me tantas vezes:
Por que o suporte?
E me respondo:

É porque ele é meu inimigo
mas é eu próprio.
Devo suportar
a dolorosa rotina
com este velho cão.
Até que um dia
os meus olhos se fechem,
depois de oscilarem,
Entre a morte e sonho.

Mistério da noite

Pelas florestas da noite,
vago, escoteiro.
Junto de escura moita,
suavemente inquisitivo,
espreita-me um cervo.
Nas trevas,
bóiam lanternas,
e persistem fixos
olhares fosforescentes.
A noite é inteiramente semafórica!

Interpreto sua mensagem cifrada,
e submerjo na volúpia.

Episódio

Fácil,
o Amor me ofereceu

a sua corola rubra,
Mercenária.

E eu me retraí,
ferido como a sensitiva,
que, após o toque humano,
sofre ainda mais
a solidão
entre pedras.

Os animais, a noite, a volúpia, a constância de certas realidades, bem como a variação feérica de sinais de trânsito como signo do efêmero, da paixão passageira, tudo está à espera de uma leitura mais aprofundada, na busca de constantes temáticas da poética do autor. É claro que se pode notar, de cara, uma dicção que lembra a memória afetiva e/ou a confissão um tanto bucólica de estados de alma. A linguagem de Cassiano não pode ser simplesmente listada em uma ou outra escola; é necessário utilizar protocolos de leitura que tentem respaldar a leitura do homoerotismo em sua poesia, escrita num erótico, de busca, tematizando o encontro, na maioria das vezes representado como virtualidade do desejo constante, insatisfeito, na teia que o fugaz arma para amarrar o sujeito. Os poemas de temática homoerótica, traduzidos para o inglês, correram o mundo e nisso se pode entrever uma de suas “tiradas”, bem polêmicas: “O que a mídia apresenta sobre o homossexualismo é uma farsa ignominiosa [...] a começar pela expressão ‘gay’, que significa alegre, pois o homossexual é uma figura trágica, vítima de assassinos, para deleite da mídia... ou um suicida silencioso”. A polêmica resiste ao tempo, ainda que muita coisa tenha mudado e que não seja possível reduzir as coisas de maneira tão simplista. No entanto, a dinâmica da tragédia (tomada aqui em seu viés etimológico) não deixa de acentuar as curvas poéticas que o texto de Cassiano oferece aos olhos ávidos do leitor. Talvez fosse o caso de aproximar o poeta do Distrito Federal a seu patricio lingüístico Luis Miguel Nava, que tão bem soube poetizar a dimensão trágica da

experiência homoerótica. O corpo é uma metáfora instigante em ambos os poetas.

O “caso” de Bernardo Carvalho é bem diferente. Livre da marca de experiências neuróticas acentuadas em que os surtos marcam, com sua freqüência, uma certa fuga do que se costuma chamar de realidade, o conjunto de contos e o único romance até agora publicados denotam um escritor muito menos interessado em especulações de orientação metafísico-poética, para se debruçar com certa avidez sobre as alegorias patológicas da modernidade ou, mesmo, da pós-modernidade, como desejariam alguns. Num certo sentido, a prosa de Bernardo Carvalho me faz lembrar o primeiro Caio Fernando Abreu, ainda “amarrado” a certos procedimentos narrativos, um tanto alegóricos demais. O escritor gaúcho se livrou mais rápido dessas amarras. Apesar da engenharia contundente e contemporânea do texto, as narrativas de Bernardo Carvalho ainda têm um sotaque “travado”, um não sei quê de enrustido, que resiste bravamente ao próprio *coming out* do texto. Pessoalmente, o que me incomoda na prosa desse carioca radicado em São Paulo é sua resistência a “soltar a franga”. Literariamente, isso seria um passo a mais em sua prosa, mas exigiria uma certa dose de ousadia que ele, ao que parece, não possui, na sua persona de escritor jovem burguês bem sucedido. Esse mesmo sentimento me fez abandonar por um bom tempo a narrativa de Diogo Mainardi que, apesar de tudo, ainda me atrai para uma prova dos nove. Em todas as personagens de Bernardo Carvalho, respira-se uma fragrância de homoerotismo que não evolui com tanta graça, em função do controle quase milimétrico de um narrador que praticamente se metamorfoseia em inquisidor fantasiado para o carnaval em Veneza. Deixo as interpretações para vocês... Na verdade, as metáforas patológicas do autor propiciam uma visada sociológica que pode trazer contribuições interessantes, uma vez que é possível ler em seus contos uma disseminação pulverizada de manifestações identitárias homoeróticas, sempre ligadas a um inconsciente intransponível e impene-trável; metáfora da já referida resistência que pode aproximá-lo de

Caio Fernando Abreu, como já assinalai: uma espécie de estado de fuga, de denegação; a urbanidade conturbada propiciando a revelação de traços escondidos: como acontece em *As iniciais*, sintomaticamente as mesmas do nome do autor. Não acredito em coincidências aqui... Não posso acreditar.

Por fim, gostaria de destacar outro nome, a meu ver, ainda um tanto inexplorado: José Carlos Honório. São promissoras as palavras de Caio Fernando Abreu, quando da edição de *O céu nu e a biruta*, de 1991. Diz o autor gaúcho, nascido em Santiago do Boqueirão (onde quem não rouba é ladrão):

Sem arrogância, mas com a firmeza que só o talento concede, José Carlos Honório estabelece um novo espaço poético e ficcional na nossa conservadora literatura. Seu texto existe e move-se pelas fronteiras ambíguas entre conto e poema, tradição e vanguarda. Nestas histórias de mínima ação e máxima densidade, as personagens principais são sempre as palavras, que ele direciona com originalidade e delicadeza para penetrar camadas menos visíveis da realidade. Ler *O céu nu e a biruta* exige certa coragem e nenhum preconceito. Só assim se poderá descobrir um rico universo de sonoridades inesperadas, onde o real importa menos que o imaginário, o sugerido supera o explícito e – mais que tudo, mais fascinante – o encantamento do verbo explode o racional da mente.

Com essa “carta de apresentação”, não é possível descartar a possibilidade de ler a obra de José Carlos Honório com um olhar indiferente. Não que essa apresentação seja tudo, mas o apuro da linguagem, por si só, bastaria para dar caráter de verdade ao que Caio Fernando Abreu diz dele. Exemplo disso são os dois poemas que seguem.

pelo mar o que vejo
é verde.
o suspiro
torna-se vontade,

apenas em olhar para o céu,
o que, de desmaio
tem a dor, a cor
dos teus olhos
abrange e ameniza.
no entanto
se olha para o chão
para o pé e eles,
os olhos, não se acanham
de se fechar.

não saber da sua voz
é o que mais me faz feliz,
eu a invento
nos meus ouvidos entregues
ao marulhar
e ao barulho do vento.
sua voz, grave e uníssona,
entra concha a dentro de mim
e me separa do
que sei de mim
até então:

o que te faz permanecer assim
cabeça pendente
olhos afundados
e peito à mostra nua
não serei eu
a adivinhar
mas sei
que o mar é todo.
o espaço, raso

azul, você.

é noite.

pelo mar o que vi. (Honório, 1992, p. 28-30)

Os trechos acima podem não dar uma idéia completa do que seja a poesia de José Carlos Honório, mas já apresenta uma de suas constantes poéticas: o mar. Nos jogos de palavras que vai tecendo, ainda que anagramaticamente, o mar comparece como ícone de identificação do que o poeta quer expressar e do que o leitor pode perceber como discurso que acaba por refletir sobre o “ser” amado e o que ama, numa relação entre iguais. O amor é subliminarmente tematizado, mas numa chave quase melancólica, como a dizer do inefável de seu “conteúdo” vencido pela linguagem aberta e pelas referências nítidas que, no todo da obra se sustentam. Na prosa, é a figura do marinheiro que se sobressai, pelo menos, nos poemas de *O céu nu e a biruta*, de 1990. Como se pode ver, a relação entre dois homens é emoldurada pelo mar e pela noite. Para além do fato de ambos os elementos serem considerados comuns numa poética homoerótica, acredito que é possível estabelecer uma relação muito próxima com a poesia de Al Berto. O tom parece ser o mesmo, ainda que a dicção não o seja. Os elementos se correspondem e a pintura do homoerotismo, por traços particulares, resulta um tanto análoga, para não dizer igual.

Ainda que falando especificamente de Literatura Brasileira, não posso deixar de lembrar aqui que a extensão do *corpus* de pesquisa, constituído pela Literatura Brasileira e pela Literatura Portuguesa é um tanto limitada. Não pude comentar aqui, por falta de tempo, mas tenho que registrar o nome João Gilberto Noll e André de Figueiredo. A relativa escassez de títulos “declaradamente” gays é uma preocupação pertinente. Cabe então pensar na possibilidade de estender esse *corpus* para a mesma produção literária homoerótica, no contexto da América Latina. É evidente que não estou pensando aqui em colocar como um operador a mais o conceito de uma “identidade” latino-americana para a Literatura. É claro que essa discussão ganha em consis-

tência, profundidade e pertinência, quando se trabalha dentro dos parâmetros dos estudos culturais. No entanto, penso eu, não caberia pensar numa “identidade” aqui, pelos mesmos motivos que expus no início desse artigo. Para terminar, penso que essa agenda deveria não perder de vista o caráter historiográfico que marca o exercício hermenêutico que estamos constantemente realizando. Nós estamos fazendo História da Literatura aqui, pelo menos, como desejava Jauss em sua “provocação”. Não podemos deixar escapar essa oportunidade.

Como conclusão, cabe uma pequena argumentação complementar; algumas considerações finais acerca de alguns pressupostos teóricos que fundamentam a metodologia adotada. Rejeito aqui, liminarmente, qualquer visão de uma suposta identidade homossexual essencialista e pré-determinada, de caráter transhistórico e transcultural. Eis por que não falo de “representação” do homoerotismo na Literatura, mas sim de configurações literárias do mesmo, ou seja, postulo que é na linguagem e por meio dela que as experiências se fazem enquanto tais no momento mesmo em que se dizem: é no espaço histórico e social da(s) linguagem(ns) que procuro detectar as diferentes experiências homoeróticas que chegaram a se configurar nos textos citados, nos demais textos que compõe o *corpus* de pesquisa e os que poderão vir a fazer parte dele. Emprego o termo homoerotismo no lugar de homossexualismo por várias razões: em primeiro lugar, por não estar marcado pelo contexto médico-legal e psiquiátrico que forjou a noção de “homossexual” na segunda metade do século XIX; além disso, pelo fato de “eros” ser um conceito muito mais abrangente que “sexo”, o que permite integrar ao objeto de estudo uma gama muito mais variada, matizada e rica de emoções, sensações, idéias e vivências; em terceiro lugar, para passar ao largo da problemática noção de orientação sexual, em seus vários desdobramentos e, sobretudo, em contraste com a noção de opção sexual; finalmente, para evitar a falaciosa transformação de um adjetivo (homossexual) em substantivo (o homossexual), como se práticas sexuais pudessem

definir, caracterizar e nomear aprioristicamente um tipo de pessoa, independentemente do meio social e do momento histórico em que ela vive e atua, bem como das inúmeras variáveis psicológicas, culturais, étnicas, políticas, religiosas etc. que plasmam a sua existência e sua autocompreensão. Essa opção não quer dizer que eu ignore ou minimize a complexa questão das identidades e das subculturas, no contexto atual dos estudos culturais. Pelo contrário, sustento que o homoerotismo não leva “necessariamente” à constituição de uma identidade ou de uma subcultura específica.

Essas considerações abrem duas perspectivas extremamente importantes para o estudo que aqui se propõe. A primeira delas nos levaria a sublinhar o caráter histórico e contingente da própria noção de identidade e do papel que esta desempenha na cultura ocidental. Chegando à segunda perspectiva de que falei, num estudo como o que se propõe aqui, não se pode nem se deve aplicar retrospectivamente as identidades *gay* (entendida aqui como a daqueles homens que se definem primariamente em função de um estilo de vida multidimensional, estruturado a partir de uma opção afetiva e/ou sexual homoerótica) e *queer* (marcada ainda, além disso, por uma opção cultural e política radical, centrada sobre a re-significação dos valores e significações da cultura dominante, às experiências homoeróticas configuradas nos textos que podem vir a ser analisados, sob essa perspectiva. O que cabe aqui é procurar entender outras formas históricas e, nesse caso em particular, literárias de apreensão e compreensão dessas experiências, em suas especificidades e contexturas próprias.

ABSTRACT: *The present article presents some basic lines for accomplishment of a dialogue analysis, among Literature, History and Homoeroticism. Not stopping in theoretical motions concerning the concepts, the idea here is to present a brief select of texts starting from which one can shimmer the sketch of the referred analysis. Comparative Literature as a kind of dialogue field and the “reader*

response criticism” as a kind of instrumental methodological, attends as apparatus of a renewed proposal of literary historiography that ends for playing in an important subject: the constitution of a literary canon.

KEYWORDS: *reading; historiography; homoeroticism; politics; identity.*

Bibliografia

- ERGMAN, D. (1991) *Gayety transfigured: gay self-representation in american literature*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- COSTA, J. F. (1992) *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- DANIEL, H. (1982) *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri.
- _____. (1984) *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DOLLIMORE, J. (1996) *Sexual dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault*. Oxford: Claredon Press.
- DUBERMAN, M. et al (Ed.) (1990) *Hidden from History: reclaiming the gay and lesbian past*. New York: Meridian.
- HONÓRIO, J. C. (1990) *O céu nu e a biruta*. São Paulo: Iluminuras.
- _____. (1992) *Atravessar teu corpo*. São Paulo: Ars Poetica.
- LIMA, L. C. (1991) *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SEDGWICK, E. K. (1985) *Between men: english literature and the homosocial desire*. New York: Columbia University Press.
- _____. (1990) *Epistemology of the coset*. Los Angeles: University of California Press.
- TREVISAN, J. S. (1984) *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Global.
- _____. (1992) *O livro do avesso*. São Paulo: Ars Poetica.